

PHILIPPA GREGORY

A Rainha Branca
A Guerra dos Primos

Tradução
Rita Negrão

 Planeta

Para o Anthony

Batalhas da Guerra das Rosas



Na escuridão da floresta, o jovem cavaleiro ouvia o salpicar da fonte, muito antes de ver o ténue luar reflectido na superfície calma. Preparava-se para dar um passo em frente, ansiando por mergulhar a cabeça, absorver a frescura, quando susteve a respiração, ao vislumbrar algo escuro, movendo-se nas profundezas da água. Havia uma sombra esverdeada no fundo da fonte, algo semelhante a um peixe grande, algo parecido com o corpo de alguém que se tivesse afogado. Depois moveu-se e ergueu-se, e ele viu, nua, uma mulher que se banhava. A pele, ao levantar-se, com a água a escorrer pelo corpo, era mais pálida do que o tanque de mármore branco, o cabelo negro molhado, escuro como uma sombra.

É Melusina, a deusa da água, e encontra-se em fontes e quedas-d'água escondidas em qualquer floresta da Cristandade, mesmo nas que ficam tão distantes como a Grécia. Também se banha em fontes mouriscas. Nos países do Norte, onde os lagos se cobrem de gelo e este estala quando ela se levanta, conhecem-na por outro nome. Um homem pode amá-la, se mantiver o segredo e a deixar sozinha quando quer banhar-se, e ela retribui esse amor até ele quebrar a palavra, como os homens fazem, e ela o arrastar para as profundezas, com a sua cauda de peixe, e transformar o sangue infiel dele em água.

A tragédia de Melusina, seja qual for a língua que a conte, da melodia que a cante, é que um homem prometerá sempre mais do que pode a uma mulher que não é capaz de compreender.

Primavera de 1464

O meu pai é *sir* Richard Woodville, o barão Rivers, nobre inglês, proprietário de terras e apoiante dos legítimos reis de Inglaterra, a linha Lancaster. A minha mãe descende dos duques da Borgonha e possui o sangue aquoso da deusa Melusina, que fundou a casa real da família com o deleitado amante ducal, e pode ser encontrada, por vezes, em alturas de grande dificuldade, gritando um aviso sobre os telhados de castelos, quando um filho e herdeiro está às portas da morte e a família condenada ao fracasso. Ou, pelo menos, é o que dizem os que acreditam nestas coisas.

Com a minha ascendência contraditória, terra sólida inglesa e uma deusa da água francesa, poderia esperar-se qualquer coisa de mim: uma feiticeira ou uma rapariga normal. Há quem diga que sou ambas. Mas hoje, quando penteio o cabelo com especial cuidado e o componho sob o meu toucado mais alto, pego nas mãos dos meus dois filhos órfãos de pai e sigo pela estrada que leva a Northampton, daria tudo o que sou para ser, desta vez, irresistível.

Tenho de atrair a atenção de um homem novo que caminha para mais uma batalha contra um inimigo que não pode ser derrotado. Talvez nem me veja. Não é provável que esteja com disposição para pedintes ou namoros. Tenho de provocar a sua compaixão pela minha posição, inspirar a compaixão pelas minhas necessidades e ficar gravada na memória o tempo suficiente para que faça algo por mim. E este é um homem que tem mulheres bonitas a oferecerem-se todas as noites da semana, e uma centena de pretendentes para cada posição que possa oferecer.

É um usurpador e um tirano, meu inimigo e filho do meu inimigo, mas estou para além de ser leal a alguém que não sejam os meus filhos e eu.

O meu pai cavalgou para a batalha de Towton para combater este homem que agora se autodenomina rei de Inglaterra, apesar de ser pouco mais do que um fanfarrão; e nunca vi um homem tão destroçado como o meu pai, quando regressou a casa, de Towton, o braço que segura a espada a manchar o casaco de sangue, o rosto pálido, afirmando que este rapaz é um comandante tal como nunca vimos, e que a nossa causa está perdida, e que ficamos sem esperança enquanto viver. Vinte mil homens foram ceifados em Towton sob as ordens deste rapaz; nunca ninguém vira tantas mortes em Inglaterra. O meu pai disse que havia sido uma ceifa de membros da casa de Lancaster, não uma batalha. O rei legítimo e a mulher, a rainha Margarida de Anjou, fugiram para a Escócia, devastados pelas mortes.

Os que de nós ficaram em Inglaterra não se renderam sem luta. As batalhas prosseguiram, para resistir a este falso rei, este rapaz de York. O meu marido foi morto a comandar a cavalaria, há três anos, em St. Albans. E fiquei viúva, e as terras e fortuna a que em tempos chamei minhas foram-me tiradas pela minha sogra, com a boa vontade do vencedor, o chefe deste rei-menino, o grande marionetista que se sabe ser o *Fazedor de Reis*: Ricardo Neville, conde de Warwick, que fez deste rapaz vaidoso um rei, com apenas vinte e dois anos, e que transformará a Inglaterra num inferno para os que defendem a Casa de Lancaster.

Existem partidários dos York em todas as grandes casas da região, agora, e os negócios ou lugares rentáveis estão na sua posse. O rei-menino está no trono e os partidários são agora a nova corte. Nós, os derrotados, indigentes nas nossas casas e estranhos na nossa região, o nosso rei, um exilado, a nossa rainha, uma estrangeira vingativa que conspira com a antiga inimiga, França. Temos de nos conformar com o tirano de York, ao mesmo tempo que rezamos para que Deus se volte contra ele e que o nosso rei legítimo varra o Sul com um exército, para mais uma batalha.

Entretanto, como muitas mulheres com um marido morto e um pai derrotado, tenho de recompor a vida como uma manta de retalhos. Preciso de retomar a fortuna, ainda que me pareça que nenhum parente ou amigo possa abrir-me o caminho. Somos conhecidos como traidores. Fomos perdoados, mas não somos amados. Nenhum detém qualquer poder. Terei de ser a minha advogada e apresentar o meu caso a um rapaz que não respeita a justiça e que se atreveria a reunir um exército contra o primo: um rei ordenado. O que alguém poderá dizer a um selvagem desses, que possa compreender? Os meus filhos, Thomas, que tem nove anos, e Richard,

que tem oito, estão vestidos com as melhores roupas, o cabelo húmido e alisado, os rostos brilhantes do sabão.

Aperto-lhes as mãos enquanto ficam de cada um dos meus lados, porque são rapazes e atraem a sujidade como por magia. Se os largar um segundo, um vai arranhar os sapatos e o outro rasgar as meias, ambos ficarão com folhas no cabelo e lama nas faces, e Thomas cairá, de certeza, ao rio. Assim, aportados pela minha mão forte, passam o peso de uma perna para a outra, numa agonia de tédio, e só se endireitam quando digo:

– Chiu, estou a ouvir cavalos.

A princípio, soa como o bater da chuva, e depois, passados uns momentos, um estrondo como trovões. O tinido do arnês e o esvoaçar dos estandartes, o tilintar das cotas de malha e o arquejar dos cavalos, o som, o cheiro e o relinchar de uma centena de cavalos, a grande velocidade, é avassalador e, apesar de estar determinada em destacar-me e fazer com que parem, não deixo de me encolher e recuar. Como será enfrentar estes homens a cavalgarem na batalha com as lanças estendidas, como um muro galopante de bordões? Como algum homem o poderia encarar?

Thomas vê a cabeça loura desprotegida no meio da fúria e do ruído, e, como o rapaz que é, grita:

– Urra!

E, ao ouvir o grito da sua voz de soprano, vejo a cabeça do homem voltar-se, e vê-me, assim como aos rapazes, e a sua mão agarra as rédeas e grita:

– Alto!

O cavalo empina-se sobre as patas traseiras, depois de um puxão das rédeas para que parasse, e a cavalgada move-se em círculos e sobresta-se, praguejando pela paragem súbita, e, depois, tudo fica em silêncio e a poeira flutua à nossa volta.

O cavalo resfolega, abana a cabeça, mas o cavaleiro é como uma estátua sobre a garupa. Olha para mim e eu para ele, e está tudo tão silencioso que ouço um tordo nos ramos de um carvalho, por cima de mim. Como canta! Meu Deus, canta como se fosse um cântico de glória, a alegria transformada em som. Nunca tinha ouvido um pássaro cantar assim, como se cantasse com alegria a felicidade.

Dou um passo em frente, ainda a segurar as mãos dos meus filhos, abro a boca para apresentar o meu caso, mas, nesse momento, nesse momento crucial, fico sem palavras. Pratiquei tanto. Tinha um discurso muito bem

preparado, mas agora não tenho nada. E é quase como se não precisasse de palavras. Limito-me a olhar para ele e espero que, de alguma maneira, ele compreenda tudo – o meu receio do futuro e as minhas esperanças para os meus rapazes, a falta de dinheiro e a irritante pena do meu pai, que faz com que viver debaixo do seu tecto seja insuportável para mim, a frieza da minha cama à noite, e o meu desejo de ter outro filho, a sensação de a minha vida ter terminado. Querido Deus, só tenho vinte e sete anos, a minha causa foi derrotada, o meu pobre marido está morto. Terei de ser uma das muitas pobres viúvas que irão passar o resto dos dias junto da lareira de outrem, tentando ser boa hóspede? Nunca voltarei a ser beijada? Nunca voltarei a sentir alegria? Nunca mais?

E o pássaro continua a cantar como se dissesse que a alegria é fácil para os que a desejem.

Faz um gesto com a mão para o homem mais velho ao seu lado e o homem resmunga uma ordem, os soldados voltam os cavalos para fora da estrada e dirigem-se para debaixo da sombra das árvores. Mas o rei desmonta, com um salto, do grande cavalo, deixa cair as rédeas, e caminha na minha direcção e dos meus filhos. Sou uma mulher alta, mas dou-lhe, pelo ombro, deve ter mais de um metro e oitenta de altura. Os meus filhos esticam o pescoço para o ver: é um gigante para eles. Tem o cabelo louro, olhos cinzentos, rosto bronzeado, aberto, sorridente, cheio de encanto, agradável na sua graça. Este é um rei como nunca vimos em Inglaterra: é um homem que as pessoas amarão, assim que o virem. E os seus olhos estão cravados no meu rosto, como se eu guardasse um segredo que tem de saber, como se nos conhecêssemos desde sempre, e sinto a face a arder, mas não consigo desviar os olhos.

Neste mundo, uma mulher modesta baixa os olhos, mantém-nos fixos nos pés; um pedinte baixa-se numa vénia e estende uma mão suplicante. Mas mantenho-me de pé, estou chocada comigo mesma, olhando-o, como um camponês ignorante, e apercebo-me de que não consigo separar os olhos dos dele, da boca sorridente, do olhar, que arde na minha face.

– Quem é esta? – pergunta, ainda olhando para mim.

– Vossa Graça, esta é a minha mãe, *lady* Isabel Grey – responde educado o meu filho Thomas, e retira o chapéu, baixando-se, apoiado num joelho.

Richard, do meu outro lado, também se ajoelha e murmura, como se não pudesse ser ouvido:

– Este é o rei? A sério? É o homem mais alto que já vi na vida!

Baixo-me numa vénia, mas não consigo desviar o olhar. Cravo os olhos nele, como uma mulher poderia olhar com olhos flamejantes para um homem que adora.

– Levantai-vos – ordena. A voz é baixa, para que apenas eu a ouça. – Vies-tes falar comigo?

– Preciso da vossa ajuda – respondo. Mal formo as palavras. Sinto-me como se a poção de amor, que a minha mãe ensopou o lenço que torneia o meu toucado, exercesse efeito em mim e não nele. – Não consigo obter as terras do meu dote, as minhas arras, agora que enviuei – gaguejo diante do seu interesse sorridente. – Sou viúva. Não tenho do que viver.

– Viúva?

– O meu marido era *sir* John Grey. Morreu em St. Albans – afirmo. É o mesmo que confessar a minha traição e a condenação dos meus filhos. O rei reconhecerá o nome do comandante da cavalaria do inimigo. Mordo o lábio. – O pai cumpriu o seu dever, tal como o concebia, Vossa Graça: foi leal ao homem que considerava ser o rei. Os meus filhos estão inocentes.

– Deixou-vos estes dois filhos? – Sorri para os meus rapazes.

– A melhor parte da minha fortuna – digo. – Este é o Richard e este é o Thomas Grey.

Acena aos meus filhos, que levantam os olhos como se ele fosse uma espécie de cavalo de pura raça, demasiado grande para o afagarem, mas uma figura a quem prestar uma admiração temerosa, e depois olha para mim.

– Tenho sede – afirma. – A vossa casa fica perto?

– Ficaríamos muito honrados... – Olho de relance para o guarda que cavalga com ele. Devia haver mais de uma centena. Ele ri-se.

– Eles podem seguir viagem – decide. – Hastings. – O homem mais velho volta-se e aguarda. – Vós prosseguis para Grafton. Já vos apanho. Smollett fica comigo, e Forbes. Irei dentro de uma hora.

Sir William Hastings olha-me da cabeça aos pés, como se fosse um pedaço de uma fita bonita que estivesse à venda. Lanço-lhe um olhar duro em resposta, e tira o chapéu e faz-me uma vénia, dirige uma saudação ao rei, grita para que os guardas voltem a montar.

– Para onde vos dirigis? – pergunta ao rei.

O rei-menino olha para mim.

– Vamos a casa do meu pai, o barão Rivers, *sir* Richard Woodville – afirmo orgulhosamente, ainda que saiba que o rei reconhecerá o nome de um

homem que fruía de um lugar elevado nos favores da corte dos Lancaster, que combateu por eles, e que uma vez ouviu as suas palavras duras, quando York e Lancaster estavam prestes a combater entre si. Conhecemos o suficiente uns dos outros, mas esquecer que em tempos fomos leais a Henrique VI é uma cortesia cumprida, até se transformarem em traidores.

Sir William ergue as sobrancelhas perante o lugar escolhido pelo rei para parar.

– Então, duvido que queirais ficar muito tempo – diz, de modo inconveniente, e continua a cavalgar. O chão treme quando passam, e deixam-nos numa calma calorosa, à medida que a poeira assenta.

– O meu pai foi perdoado e o título restituído – digo, na defensiva. – Vós perdoastes, depois de Towton.

– Recordo-me do vosso pai e da vossa mãe – afirma o rei num tom calmo. – Conhecia-os desde pequeno, em bons e maus tempos. Só me surpreende que nunca me tenham apresentado a vós.

Tenho de reprimir um sorriso. Este rei é famoso por ser um sedutor. Ninguém com bom senso deixaria a filha conhecê-lo.

– Poderíeis vir por aqui? – convido. – É uma breve caminhada até à casa do meu pai.

– Quereis vir, rapazes? – pergunta-lhes. As cabeças erguem-se de súbito, como patinhos suplicantes. – Podeis subir os dois – afirma, e pega em Richard, e depois em Thomas, para os colocar sobre a sela. – Agora, segurai-vos bem. Vós ao vosso irmão e vós... sois o Thomas, não é assim?... à maçaneta da sela.

Enrola as rédeas em volta do braço e, a seguir, oferece-me o outro braço, e assim caminhamos até à minha casa, pelo meio do bosque, debaixo da sombra das árvores. Sinto o calor do seu braço através do tecido da manga. Tenho de me refrear para não me inclinar para ele. Olho em frente, para a casa e para a janela da minha mãe, e vejo, pelos movimentos atrás dos painéis de vidro com pinázios, que tem estado a olhar cá para fora, e desejando que isto aconteça.



Está à porta de entrada quando nos aproximamos, o criado da casa ao seu lado. Baixa-se numa vénia.

– Vossa Graça – saúda de modo agradável, como se o rei a visitasse todos os dias. – Sois muito bem-vindo a Grafton Manor.

Um criado surge a correr e segura as rédeas do cavalo para o conduzir para o pátio dos estábulos. Os meus filhos seguram-se para percorrer os últimos metros, a minha mãe recua e faz uma vénia diante do rei, enquanto este entra no salão.

– Aceitais um copo de cerveja? – pergunta. – Se não, temos um vinho muito bom, dos meus primos, da Borgonha?

– Aceito a cerveja, se não vos importais – responde agradavelmente.
– Cavalgar faz-me sede. Está quente, para a Primavera. Um bom dia para vós, *lady* Rivers.

A mesa alta do grande salão está posta com os melhores copos e um jarro com cerveja, assim como outro que contém vinho.

– Estais à espera de alguém?

Ela sorri-lhe.

– Nenhum homem no mundo passaria a cavalo pela minha filha sem se deter – retorque. – Quando me disse que desejava expor-vos o seu caso, tive de colocar na mesa a nossa melhor cerveja. Calculei que fôsseis parar.

Ri-se do orgulho demonstrado por ela, e volta-se para sorrir para mim.

– Na verdade, um homem que passasse por vós sem se deter só poderia ser cego – comenta.

Preparo-me para fazer um comentário, mas, mais uma vez, nada acontece. Os nossos olhos encontram-se, e não penso em nada para lhe dizer. Limitamo-nos a ficar ali de pé, a olhar um para o outro por um longo momento, até a minha mãe lhe passar um copo e dizer baixinho:

– À vossa saúde, Vossa Graça!

Abana a cabeça, como se despertasse.

– E o vosso pai, está cá? – pergunta.

– *Sir* Richard foi à propriedade ao lado, falar com os vizinhos – respondo.
– Esperamos que regresse a horas de jantar.

A minha mãe pega num copo limpo, ergue-o à luz e manifesta a sua impaciência como se este estivesse manchado.

– Com a vossa licença – pede, e sai. Eu e o rei ficamos a sós no grande salão, o sol a jorrar pela enorme janela atrás da mesa comprida, a casa em silêncio, como se todos sustivessem a respiração e escutassem.

Vai para trás da mesa e senta-se na cadeira do dono da casa.

– Por favor, sentai-vos – diz, e aponta para a cadeira ao seu lado. Sento-me como se fosse a sua rainha, à direita, e deixo-o servir-me um copo de cerveja.

– Analisarei a reivindicação das vossas terras – replica. – Desejais ter a vossa casa? Não sois feliz, com a vossa mãe e o vosso pai?

– São gentis – explico. – Mas estou acostumada a ter a minha casa, habituada a gerir as minhas terras. E os meus filhos não terão nada se não conseguirem reclamar as terras do pai. É a sua herança. Tenho de defender os meus filhos.

– Têm sido tempos difíceis – responde. – Mas, se mantiver o trono, farei com que a Lei dos Solos vigore, de uma costa à outra de Inglaterra, e os vossos filhos crescerão sem receio da guerra.

Assinto.

– Sois leal ao rei Henrique? – interroga. – Seguis a vossa família na qualidade de apoiantes leais da casa de Lancaster?

A nossa história não pode ser negada. Sei que se travou uma batalha furiosa em Calais entre este rei, que na altura não passava de um jovem filho da casa de York, e o meu pai, nesse tempo, um dos grandes lordes de Lancaster. A minha mãe era a primeira-dama da corte de Margarida de Anjou; deve ter conhecido e protegido o belo e jovem filho da casa de York. Mas quem imaginaria que o mundo poderia virar-se do avesso e que a filha do barão Rivers teria de suplicar a esse mesmo rapaz para que as suas terras lhe fossem devolvidas?

– A minha mãe e o meu pai foram muito importantes na corte do rei Henrique, mas a minha família e eu agora aceitamos o vosso reinado – afirmo depressa.

Ele sorri.

– É sensato da vossa parte, uma vez que venci – responde. – Aceito a vossa homenagem.

Rio-me, e o seu rosto torna-se mais caloroso.

– Deve terminar em breve, queira Deus – afirma. – Henrique não tem mais do que um punhado de castelos, na região sem lei do Norte. Pode juntar um grupo de salteadores, como qualquer fora-da-lei, mas não consegue reunir um exército decente. E a rainha não pode continuar a trazer cá para dentro os inimigos do país para combater o povo. Os que lutarem por mim serão recompensados, mas mesmo os que combateram contra mim verão que serei justo na vitória. E farei com que a minha lei vigore, no Norte de Inglaterra, nas fortalezas, até à fronteira da Escócia.

– Ides para o Norte agora? – inquiri. Bebo um gole de cerveja. É a melhor que a minha mãe faz, mas tem um sabor picante; deve ter-lhe

adicionado algumas gotas de uma tintura, um filtro de amor, algo para fazer com que o desejo cresça. Não preciso de nada. Já estou sem fôlego.

– Precisamos de paz – afirma. – Paz com França, paz com os escoceses, e paz de irmão para irmão, de primo para primo. Henrique tem de se render; a mulher tem de parar de trazer tropas francesas para o nosso país para lutarem contra os ingleses. Não devíamos estar divididos, York contra Lancaster: devíamos ser todos ingleses. Não há nada que faça adoecer mais um país do que o povo a lutar entre si. Destroí famílias; mata-nos diariamente. Tem de terminar, e pôr-lhe-ei um fim. Vou acabar com esta guerra. Sinto o receio sinistro que as pessoas deste país conhecem há quase uma década.

– Tem de haver mais uma batalha?

Sorri.

– Tentarei mantê-la longe da vossa porta, minha dama. Mas tem de ser travada e em breve. Perdoei o duque de Somerset e aceitei-o como amigo, e agora voltou a juntar-se a Henrique, um traidor da Casa de Lancaster, infiel, como todos os Beaufort. Os Percy estão a sublevar o Norte contra mim. Odeiam os Neville, e esta é a minha maior aliada. Agora é como uma dança: os bailarinos ocupam os lugares; têm de dar os passos. Vão travar uma batalha; não pode ser evitado.

– O exército da rainha vai passar aqui? – Embora a minha mãe a adorasse e tivesse sido uma das damas de companhia mais importantes, devo dizer que o seu exército é uma força de terror absoluto. Mercenários, que não se preocupam com o país; franceses que nos odeiam; e os homens selvagens do Norte de Inglaterra que encaram os nossos campos férteis e cidades prósperas apenas para a pilhagem. Da última vez, trouxe os escoceses, acordando que poderiam ficar com tudo o que roubassem, como honorários. Mais valia ter contratado lobos.

– Eu detê-los-ei – retorque. – Irei ao seu encontro no Norte de Inglaterra e vou derrotá-los.

– Como podeis ter tanta certeza? – exclamo.

Oferece-me um sorriso, e sustenho a respiração.

– Porque nunca perdi nenhuma batalha – responde. – E nunca perdi. Sou rápido no campo, e hábil; corajoso e tenho sorte. O meu exército desloca-se mais depressa do que qualquer outro; faço com que marchem mais rápido e movo-os armados. Antecipo as intenções e tomo a dianteira do inimigo. Não perco batalhas. Tenho sorte na guerra como no amor.

Nunca perdi em nenhum dos jogos. Não vou perder contra Margarida de Anjou; vencerei.

Rio-me da sua confiança, como se não estivesse impressionada; mas, na verdade, deixa-me deslumbrada.

Termina a caneca de cerveja e põe-se de pé.

– Obrigado pela vossa gentileza – agradece.

– Já ides embora? Ides partir agora? – gaguejo.

– Ireis escrever os pormenores da vossa reivindicação para mim?

– Sim. Mas...

– Com nomes e datas e tudo o resto? A terra que alegais ser vossa e os pormenores da propriedade?

Quase agarro a manga dele para o manter junto de mim, como um pedinte.

– Fá-lo-ei. Mas...

– Então, despeço-me de vós.

Não há nada que possa fazer para o deter, a não ser que a minha mãe se tenha lembrado de fazer com que o cavalo fique coxo.

– Sim, Vossa Graça, e obrigada. Mas sois muito bem-vindo a ficar. Daqui a pouco jantaremos... ou...

– Não, tenho de ir embora. O meu amigo William Hastings espera-me.

– É claro, é claro. Não desejo atrasar-vos...

Acompanho-o à porta. Estou angustiada por partir tão abruptamente, e, no entanto, não me lembro de nada para o fazer ficar. Na soleira da porta, volta-se e pega-me na mão. Inclina a cabeça loura numa vénia e, de forma deliciosa, vira-me a mão. Dá um beijo na palma e fecha-me os dedos no sítio que beijou, como se para o guardar em segurança. Quando se ergue, a sorrir, vejo que sabe que o gesto me fez derreter e que conservarei a mão fechada até à hora de deitar, altura em que poderei levá-la à boca.

Baixa os olhos para o meu rosto arrebatado, para a mão que se abre, contra a minha vontade, para tocar na sua manga. Então, enternece-se.

– Virei buscar o documento que ides elaborar, amanhã – afirma. – É evidente. Julgastes que seria de outro modo? Como podeis? Pensastes que poderia voltar-vos as costas, e não voltar? É claro que voltarei. Amanhã, ao meio-dia. Vejo-vos a essa hora?

De certeza que me ouvi arquejar. A cor acorre ao meu rosto e as bochechas escaldam.

– Sim – gaguejo. – A... manhã.

– Ao meio-dia. E ficarei para almoçar, se possível.

– Ficaremos muito honrados.

Faz-me uma vénia, volta-se e caminha pelo salão, passando pelas portas duplas escancaradas e saindo para a luz viva do Sol. Ponho as mãos atrás das costas e seguro-me à enorme porta de madeira, para me apoiar. Para dizer a verdade, os meus joelhos estão demasiado fracos para que consiga manter-me de pé.

– Foi-se embora? – pergunta a minha mãe, entrando pela pequena porta lateral.

– Volta amanhã – respondo. – Vai voltar amanhã. Vem cá amanhã para falar comigo.

